



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO TOCANTINS  
CAMPUS PALMAS  
CURSO LICENCIATURA EM LETRAS E HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

**LAURA BEATRIZ SANTOS MARQUES**

**TOPONÍMIA PALMENSE: UM RESGATE DA IDENTIDADE LINGUÍSTICA E  
SOCIOCULTURAL**

**Palmas – TO  
2018**

**LAURA BEATRIZ SANTOS MARQUES**

**TOPONÍMIA PALMENSE: UM RESGATE DA IDENTIDADE LINGUÍSTICA E  
SOCIOCULTURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do Título de Graduada do Curso Superior de Licenciatura em Letras e Habilitação em Língua Portuguesa do Instituto Federal do Tocantins, *Campus* Palmas.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Lourdes Cardoso Dias

**Palmas - TO  
2018**

Marques, Laura Beatriz Santos.

*Toponímia Palmense: um resgate da identidade linguística e sociocultural* / Laura Beatriz Santos Marques – Palmas, 2018.

50 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Letras) – Instituto Federal de Educação do Tocantins, Campus Palmas, 2018.

Orientador(a): Prof. Dra. Ana Lourdes Cardoso Dias.

1. Toponímia 2. Palmas 3. Joaquim Teotônio Segurado 4. Juscelino Kubitschek. IFTO – *Campus Palmas. Toponímia Palmense: um resgate da identidade linguística e sociocultural.*

À minha mãe Eliene dos Santos L. Madureira e ao meu noivo Filipe Carvalho da Silva, por sempre priorizarem meus estudos e estarem comigo nos bons e maus momentos, sendo compreensivos e pacientes nos momentos de falta.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela força para enfrentar os obstáculos sem desanimar.

À minha orientadora, professora Ana Lourdes Cardoso Dias, por inserir-me no universo da Onomástica, pela dedicação, amizade e paciência durante a realização deste trabalho.

Aos meus irmãos, Géssyka Shiara e Flávio Henrich, que contribuíram diretamente e indiretamente com esta pesquisa.

Aos meus professores Erika de Souza Luz, André Lira e Sylmara Barreira, que me fizeram compreender o verdadeiro significado das palavras aprender e ensinar.

Aos meus amigos, Bruna Araújo, Sarah Cunha, César Coelho, Suzane Lesley e Karina Almeida, pelo afeto e companheirismo diante das dificuldades e pelos momentos extraordinários que me proporcionaram.

*“Apenas no prazer da reprodução linguística nasce um mundo a partir do caos.”*

***(Karl Kraus)***

## RESUMO

Este trabalho tem como proposta o levantamento, a classificação taxonômica e a análise dos topônimos, objetivando a motivação toponímica de Palmas, da Avenida Joaquim Teotônio Segurado e da Avenida Juscelino Kubitschek. Desse modo, explana-se, primeiramente, o contexto histórico do Tocantins, da relação da motivação de Palmas com o município de Paranã; a trajetória de Joaquim Teotônio Segurado e Juscelino Kubitschek, relacionando as contribuições que acarretaram essas possíveis homenagens. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, direcionada aos estudos lexicais e onomásticos, de Biderman (1998) e Dias (2016), e toponímicos em que se analisa e classifica a motivação toponímica em categorias taxonômicas proposta por Dick (1990, 1992). Infere-se que a necessidade que o homem tem em nomear não se trata apenas de lugares, mas sim de qualquer coisa existente. Tudo que entra em contato com ele, exerce em seu interior o desejo da nomeação daquilo que o perpassa. Os resultados apontam que estudar a toponímia local é possibilitar o resgate cultural daquela região, fazendo com que seus habitantes, entre outros, adquiram um maior conhecimento sobre a sua história e obtenham mais autonomia quanto a sua identidade.

**Palavras-chave:** Toponímia. Palmas. Joaquim Teotônio Segurado. Juscelino Kubitschek.

## ABSTRACT

This paper has as proposal the survey, taxonomic classification and analysis of toponyms, aiming at the toponymic motivation of Palmas, Joaquim Teotonio Segurado Avenue and Juscelino Kubitschek Avenue. Thus, the historical context of Tocantins, of the relation of the motivation of Palmas with the municipality of Parana; the trajectory of Joaquim Teotonio Segurado and Juscelino Kubitschek, relating the contributions that brought about these possible tributes. The methodology used was the qualitative research, directed to the lexical and onomastic studies of Biderman (1998) and Dias (2016), and toponymics wherein it analyzes and classifies a toponymic motivation in taxonomic categories proposed by Dick (1990, 1992). It is inferred that the need of man in naming, is not only about places, but also about anything existing. Everything that encounters it exerts within it the desire of naming what goes through it. The results indicate that studying the local toponymy is to enable the cultural rescue of that region, making its inhabitants, among others, acquire a greater knowledge about its history and obtain more autonomy as to its identity.

**Key-words:** Toponymy. Palmas. Joaquim Teotonio Segurado. Juscelino Kubitschek.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>13</b>
<b>Quadro 1 – Modelo de lexicográfico-toponímica</b> .....	<b>15</b>
<b>Quadro 2 - ficha lexicográfico-toponímica</b> .....	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO II – REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>17</b>
<b>2.1 O LÉXICO</b> .....	<b>17</b>
<b>2.2 ONOMÁSTICA</b> .....	<b>21</b>
<b>2.3 TOPONÍMIA</b> .....	<b>24</b>
<b>Quadro 3 – motivos toponímicos ideais e reais</b> .....	<b>29</b>
<b>Quadro 4 – Classificação Toponímica de Solís</b> .....	<b>32</b>
<b>CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO DOS DADOS: CONTEXTO SÓCIO HISTÓRICO E SOCIOCULTURAL DOS TOPÔNIMOS</b> .....	<b>33</b>
<b>3.1 O ESTADO DO TOCANTINS</b> .....	<b>33</b>
<b>3.2 O NASCIMENTO DE PALMAS</b> .....	<b>34</b>
<b>3.2.1 Palmas: a cidade e a natureza dão nome à capital do Tocantins</b> .....	<b>36</b>
<b>3.3 AVENIDAS: TEOTÔNIO SEGURADO E JUSCELINO KUBITSCHKEK (JK) ...</b>	<b>37</b>
<b>3.3.1 Joaquim Teotônio Segurado: da figura política à avenida</b> .....	<b>37</b>
<b>3.3.2 Juscelino Kubitschek: da figura política à avenida</b> .....	<b>38</b>
<b>CAPÍTULO IV – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	<b>42</b>
<b>4.1 TOPÔNIMO PALMAS</b> .....	<b>42</b>
<b>Ficha Lexicográfico-toponímica de Palmas</b> .....	<b>42</b>
<b>4.2.TOPÔNIMO JOAQUIM TEOTÔNIO SEGURADO</b> .....	<b>43</b>
<b>Ficha Lexicográfico-toponímica da Avenida Joaquim Teotônio Segurado</b> ....	<b>43</b>
<b>4.3 TOPÔNIMO JUSCELINO KUBITSCHKEK</b> .....	<b>44</b>
<b>Ficha Lexicográfico-toponímica da Avenida Juscelino Kubitschek</b> .....	<b>44</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>46</b>

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....47**

## INTRODUÇÃO

A Toponímia, subárea da Onomástica, busca principalmente estudar os nomes de lugares enquanto manifestação linguística, histórica e sociocultural, visto que é uma ciência interdisciplinar em que a história, a geografia, a antropologia, dentre outras, congregam entre si. Sendo assim, os estudos desenvolvidos nessa área promovem um verdadeiro resgate da identidade linguística e sociocultural, bem como da memória histórica do lugar em foco.

Este trabalho consiste em um estudo toponímico sobre a cidade de Palmas - Tocantins e das suas duas principais avenidas; sendo elas a Avenida 401 Sul Joaquim Teotônio Segurado que está localizada no Plano Diretor Sul, cortando a cidade de norte a sul, com extensão de 26 km; e Avenida 107 Norte Juscelino Kubitschek, atravessando a capital de leste a oeste, no Plano Diretor Norte.

Tais avenidas são de importância imensurável para a população palmense, pois são meios de acesso aos seus locais de trabalhos, realização de compras e passeios, além de acolherem diversos pontos comerciais, concentrando grandes quantidades de agências bancárias, lojas de roupas, restaurantes e concessionárias.

Dessa forma, o presente estudo justifica-se pela pouca quantidade de trabalhos acadêmicos neste ramo, sabendo que são eles os contribuintes para o desenvolvimento da sociedade, uma vez que, a partir de novas pesquisas realizadas, são promovidos métodos inovadores para o desenvolvimento de todas as áreas de conhecimentos, apresentando novos dados.

Outro fator imprescindível para a escolha do estudo nessa área foi o de retomar aos momentos decisivos para a criação do estado e da cidade, bem como colaborar com o resgate da identidade cultural dos habitantes do município. Por se tratar de um estado novo com grandes características culturais que refletem a identidade do seu povo, poder-se-á disponibilizar a eles novas informações sobre a história de seus grupos sociais.

Com isso, propõe-se desenvolver uma abordagem histórico-linguística e toponímica sobre o município de Palmas, a fim de compreender os principais fatores que motivaram a sua nomeação das duas principais avenidas, contribuindo com o resgate linguístico, sociocultural, histórico e com os estudos da área.

Quanto aos objetivos específicos, destacam-se estes: Levantar um corpus com o nome de Palmas e das Avenidas Joaquim Teotônio Segurado e Juscelino

Kubistchek; Pesquisar a etimologia dos topônimos Palmas, Joaquim Teotônio Segurado, Juscelino Kubitschek, analisá-los e, por fim, classificá-los em taxionomias, de acordo com o modelo sugerido por Dick (1990).

Ao estudar a motivação de determinados topônimos, é necessário conhecer primeiramente a história e o contexto daquele lugar para que, dessa forma, o estudo fique mais íntegro e facilite o entendimento dos fatores que ocasionaram certas escolhas ao realizar-se tal nomeação.

Mediante isso, o trabalho organizou-se de acordo com os seguintes capítulos: Capítulo I - Procedimentos Metodológicos, Capítulo II – Referencial Teórico, Capítulo III – Apresentação dos dados: contexto sócio-histórico e sociocultural dos topônimos e Capítulo IV – Análise e discussão dos dados.

No capítulo I, aborda-se os passos percorridos para a realização do estudo. No capítulo II, apresenta-se a fundamentação teórica que embasa a pesquisa, com discussão a respeito do *Léxico*, *Onomástica* e *Toponímia*. O capítulo III, Apresentam-se os dados coletados durante a pesquisa. O capítulo IV diz sobre a análise e discussão dos dados, apresentando as fichas lexicográfico-Toponímicas, análise das motivações toponímicas e uma breve discussão geral relacionada a eles. A última parte do trabalho constitui-se pelas Considerações Finais.

Este estudo visa ampliar e aprofundar os conhecimentos em relação à toponímia Palmense, a fim de trazer à luz fatores que ocorreram no momento de sua criação, da identidade e cultura deste povo.

## CAPÍTULO I - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo tem como objeto de pesquisa os topônimos: Palmas, Joaquim Teotônio Segurado, Juscelino Kubitschek (JK). Aborda-se a história da criação do Tocantins como forma de contextualização.

Objetivou-se, nesta pesquisa, a descrição, a análise e a classificação desses topônimos, a fim de compreender os principais aspectos que predominaram no ato denominativo. Além disso, a partir da etimologia, da história e da geografia local, buscou-se interpretar os significados destes nomes. Para esse fim, a pesquisa iniciou-se com o levantamento de dados históricos e geográficos do município de Palmas e das avenidas para a formação do *corpus*.

De acordo com isso, Gil (1999, p. 42) afirma que a pesquisa parte de uma dúvida ou problema, ela é “o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”.

Dependendo da abordagem do problema, a pesquisa pode classificar-se como *quantitativa*, a qual visa quantificar/medir os resultados, ou *qualitativa*, que será utilizada neste trabalho e que:

[...] corresponde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1995)

Mediante a pesquisa qualitativa, do tipo descritiva, levantou-se os dados com o procedimento bibliográfico, o que é fundamental para conhecimentos e análises de contribuições teóricas publicadas em livros, artigos, enciclopédias e outros, de um determinado assunto.

Utilizou-se também o procedimento documental, o qual, apesar de se assemelhar ao bibliográfico, difere-se no tipo de fonte utilizada, sendo elas as primárias, tais como documentos oficiais, estatísticas, fotografias, entre outras, que contribuíram com este trabalho durante as coletas de dados.

Sugeriu-se desenvolver uma abordagem histórico-linguística e toponímica do município de Palmas, com o intuito de apreender dados para estudos acerca da

cidade, em busca das motivações linguísticas que determinaram os seus atuais nomes. Dessa maneira, como cita Dick (1992):

O topônimo não é algo estranho ou alheio ao contexto histórico-político da comunidade. Ao contrário, reflete, de perto, a própria substância ontológica do social, onerado que está de uma profunda carga significativa. Um solo agreste, um clima árido, uma vegetação pobre ou abundante, uma escassez hidrográfica, a peculiar atividade regional ou, por outro lado, a relativa segurança econômica e as tendências artístico-religiosa predominantes na localidade, tendem a configurar, com precisão, o sistema toponímico em espécie, aberto a todas as feições culturais. (DICK, 1992, p. 47)

Tratando-se do léxico, utilizou-se para descrevê-lo *O fato linguístico como recorte da realidade sociocultural*, de Isquierdo (1996), uma vez que ela ressalta que é por meio do léxico que o homem representa sua cultura. Posteriormente, no que se refere à Onomástica, Biderman, em *A face quantitativa de linguagem: um dicionário de frequências do Português* (1998) e Dias (2016) serviu como base para a conceituação.

Em relação à análise toponímica, aplicou-se o plano onomasiológico de investigação, seguindo o percurso metodológico apresentado por Dick (1990). Além do método indutivo, que durante as descrições onomásticas serviram para levantar hipóteses que ratificaram as conjecturas levantadas em relação ao objeto de pesquisa.

Aplicou-se Silva (2008), em *A Nova História do Tocantins*, para relatar a história da criação e emancipação do Tocantins e de Joaquim Teotônio Segurado. Já no que se refere aos estudos da capital, foram retiradas de Nascimento (2009) as informações necessárias para narrar desde a fundação à sua atual estrutura urbana, somados aos dados recolhidos sobre Paranã, contidos em Dias (2016).

A fim de analisar as histórias e possíveis contribuições das figuras políticas Joaquim Teotônio Segurado e Juscelino Kubitschek, além de Silva (2008), utilizou-se o *Dicionário Histórico - Biográfico Brasileiro (DHBB)*, que expõe uma vasta diversidade de bibliografias de figuras políticas que influenciaram de algum modo com a formação da história do Brasil.

Quanto à análise dos dados e organização das informações coletadas, aplicou-se o modelo de ficha lexicográfico-toponímica<sup>1</sup> sugerida pela toponimista

<sup>1</sup> Este tipo de ficha, modelado por DICK ao longo dos anos (1980-2004), pode ser adaptável, em seus campos, de acordo com cada pesquisa, mas sua essência permanece e é um modelo que tem revelado grande praticidade e eficácia nas pesquisas toponímicas, sendo adotada pelo Projeto Atlas

brasileira Maria Vicentina do Amaral Dick, em suas obras pioneiras dos estudos toponímicos no Brasil, *A motivação toponímica e a realidade brasileira* (1990) e *Toponímia e Antroponímia: coletânea de estudos* (1992) para classificação dos topônimos, juntamente ao de Solís (1997), como no exemplo a seguir:

Quadro 1 – Modelo de lexicográfico-toponímica

Localização – Município: _____
Topônimo: _____ A.G: _____ Taxionomia: _____
Etimologia: _____
Entrada Lexical: _____
Estrutura morfológica: _____
Histórico: _____
Informações enciclopédicas: _____
Fonte: _____
Pesquisador: _____ Revisor: _____

**Fonte:** Dick, 2004, p. 130.

Conforme as necessidades e objetivos da pesquisa, e baseado na proposta sugerida por DICK (1990), construíram-se as fichas e as adaptaram, utilizando o material toponímico que foi pesquisado e organizado em esquemas classificatórios, para interpretação de dados. Essas fichas apresentam-se no capítulo V. Isso foi necessário, pois elas fornecem informações importantes sobre cada topônimo, de acordo com o modelo abaixo:

- **TOPÔNIMO:** refere-se ao nome do acidente físico ou humano coletado.
- **MUNICÍPIO:** indica o município ao qual a localidade a que o topônimo se refere está localizada.
- **ETIMOLOGIA:** trata da origem ou evolução das palavras.

- **ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** refere-se à constituição dos topônimos em específico simples, específico composto e específico híbrido, além do processo de formação lexical e classe gramatical.
- **LOCALIZAÇÃO:** corresponde ao local de registro do topônimo.
- **TAXIONOMIA:** registra-se neste item a taxa do topônimo
- **MOTIVAÇÃO TOPONÍMICA:** indica o processo/motivo da nomeação.

Quadro 2 - ficha lexicográfico-toponímica

<b>Topônimo:</b>	<b>Lugar:</b>
<b>Município:</b>	
<b>Localização:</b>	
<b>Estrutura Morfológica:</b>	
<b>Etimologia:</b>	
<b>Motivação toponímica:</b>	
<b>Taxionomia:</b>	

Fonte: adaptada de Dick (2004).

Os pontos considerados nessa ficha lexicográfico-toponímica relacionam-se aos acidentes humanos (cidade, avenidas e bairros). Ambos os procedimentos serviram para análises que confirmaram os topônimos, qual a relação do nome com o lugar e a motivação para determinada nomeação.

## CAPÍTULO II – REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, apresenta-se a discussão dos pressupostos teóricos que fundamentaram a pesquisa. A princípio, aborda-se sobre *O Léxico*, em relação às formas das motivações das palavras e a semântica; e pontuando a percepção e a nomeação do mundo exterior. Mostra-se ainda neste tópico o léxico português e seus processos de formação e ampliação, uma vez que, para Dick (2001), o sistema onomástico emprega os mesmos componentes disponíveis no léxico virtual de uma língua. Dessa forma, a Onomástica insere-se na Lexicografia. Posteriormente, relata-se sobre a Onomástica, visto que é a ciência que abrange a Toponímia e a Antroponímia. E, por fim, faz-se uma discussão acerca da Toponímia, objetivando apresentar seus conceitos básicos e determinantes, como o signo toponímico, a motivação e classificação toponímica.

### 2.1 O LÉXICO

O léxico são todas as palavras existentes na língua, ele apresenta características de determinados grupos, e, mediante as lexias, o homem pode compreender, dar sentido às coisas e interagir. Isquerdo (1996) ressalta que é por meio do léxico que o homem apresenta suas características, valores, crenças, além de conservar particularidades da sua comunidade.

Desta forma, ao apropriar-se do léxico, o homem age como reflexo da sua geração, da sua comunidade pertencente, pois sua língua exprime o retrato do seu tempo.

São três as ciências que tratam do léxico: a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia. A Lexicografia é definida como técnica de escrita de dicionários, uma vez que ela se ocupa com a produção deles. Quanto a Lexicologia, perspectiva adotada para abordar o léxico neste trabalho, segundo Barbosa (1990, p. 154), ela se ocupa da “compilação, classificação, análise e processamento”. Por vezes, é definida como uma técnica ou ciência aplicada. Por outro lado, a Lexicologia se caracterizaria como criação de teorias, aspirando à descrição e a análise do léxico, também com função de analisar métodos de renovação lexical. A Terminologia, por sua vez, em sentido amplo, compete ao uso e estudo de termos, especificando as palavras utilizadas em determinados contextos.

Biderman (2001, *apud* DIAS, 2016) observa que a ação de nomear dá-se por meio do processo de categorização, o que, em contrapartida, baseia-se na capacidade do humano de discernir características entre os referentes percebidos/apreendidos por ele, por meio do seu aparato cognitivo e sensitivo. Após o processo de categorização, seguidamente tem-se a nomeação, desse modo, a semântica de uma língua natural baseia-se nesse processo e é através dele que o homem expande a capacidade de associação de palavras a conceitos.

Ainda para a referida autora, citada em Dias (2016, p. 33), pode-se dizer que a nomeação foi a primeira etapa no trajeto científico de conhecimento do universo realizado pelo humano. O homem foi “estruturando o conhecimento do mundo que o cerca, dando nomes (palavras e termos) a essas entidades discriminadas” (p.1) ao reconhecer características e distinguir traços de separam os referentes em seres dessemelhantes. Com isso, nota-se que ao dar nome a tudo àquilo que os rodeiam, os falantes reestruturam seu léxico.

E ainda, por meio da experiência com o meio ambiente social e físico, o falante organiza mentalmente o acervo lexical conforme os costumes, modelos e usos de sua comunidade linguística. Isso ocorre mediante o processo mental de categorização. Para essa atividade, utiliza-se o conhecimento de mundo e a classificação que a língua e a cultura atribuem à realidade, bem como ao esforço cognitivo de armazenar e catalogar o léxico, conforme a semântica da língua.

Nesse sentido, os topônimos e antropônimos fazem parte do léxico comum de uma língua, com função de nomear, referenciar, identificar e dentre outras funções. Por isso, reflete a relação entre língua, cultura, sociedade, mas também entre língua e mente do falante.

O léxico pode ser percebido como interno e externo. O interno é considerado como o conhecimento da língua materna adquirido no ato da sua aquisição como a estrutura, composição, significado, além das unidades lexicais. Seria o acervo virtual que está à disposição dos falantes. O léxico externo é visto como o conjunto de palavras de uma língua, ou seja, o acervo real (BATISTA, 2011 *apud* DIAS, 2016).

Entre os componentes da língua, o léxico é o que está aberto a englobar novas unidades, ao mesmo tempo em que está apto a descartar outras que não são mais utilizadas pelos falantes. À medida que o tempo passa, surge a necessidade de uma “atualização” do léxico para acompanhar os avanços tecnológicos, da sociedade e do mundo. Para acompanhar a dinâmica do mundo e por ele ser

suscetível a tais mudanças, criam-se, dessa forma, novos termos. Nesse contexto, o sistema lexical é o que mais reflete a dinâmica da cultura e da sociedade, uma vez que o falante simboliza linguisticamente, por meio dos itens lexicais, o mundo em que vive.

Para Biderman (2001, *apud* Dias, 2016), o léxico é fruto das experiências vivenciadas por um povo, constituindo-se em um acervo de sua cultura, transmitido a cada geração. Ao utilizar o léxico de sua língua, os falantes vão reelaborando-o e perpetuando-o no constante ato de interação social. Em consequência, estará suscetível à mudança, à ampliação e à redução.

De acordo com Dias (2016), O léxico apresenta-se em um contínuo crescimento devido à integração de experiência individuais das comunidades de fala. Dessa forma, “o português, como qualquer outra língua possui mecanismos para ampliação e renovação do seu léxico” Dias (2016, p. 38). Pode-se dizer então que um dos mecanismos é o processo de formação abarcado na própria língua, o outro é mediante a aquisição e adaptação de termos provenientes do empréstimo linguístico.

Assim, segundo Carvalho (2009) citado em Dias (2016), foram introduzidos, na fase inicial de formação da língua, elementos pré-românicos e pós-românicos. Os elementos pós-românicos foram introduzidos na língua após a chegada dos romanos na Península Ibérica, no período em que o latim ainda era utilizado na região. Tais elementos originaram-se da Germânia e Arábia e, posteriormente, incorporados após a invasão desses povos na região.

Ainda para a referida autora, os processos mais comuns na criação de novas palavras são a composição e a derivação. No que diz respeito à derivação, é o processo em que as palavras formam-se pela junção de afixos (sufixo e prefixo) a um morfema lexical. Ela se decompõe em prefixal, sufixal, prefixal e sufixal e parassintética.

A derivação prefixal refere-se ao corolário da adição do prefixo à palavra primitiva (morfema lexical), cujo seu significado é alterado, ex.: *ler, reler; crer, descrever*. A sufixal forma-se pelo acréscimo de um sufixo à palavra primitiva, podendo sofrer alterações de significado ou mudança de classe gramatical, ex.: *pedreira, livreiro*. A derivação prefixal e sufixal está relacionada à formação pelo acréscimo, de forma independente, de um prefixo e um sufixo à palavra primitiva, ex.: *deslealmente* (*des-* prefixo e *-mente* sufixo). Em relação à parassintética, tem-se o

acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo ao morfema lexical, ou seja, os dois afixos não podem se separar, uma vez que sem um deles a palavra não se reveste de nenhum significado. Dessa forma, todos ocorrem por via de acréscimo de afixos, porém, no processo de redução, ocorre o contrário, pois é formado pela subtração de morfemas, ex.: *portuga* (*português*), *Zé* (*José*).

Em relação ao português moderno, é possível criar-se novos adjetivos e substantivos, pelo acréscimo de sufixos. Sendo eles: *-oso*, *-átic* (o, a), *-ês*, *-eir* (o, a), *-vel*, *-ão*, *-ad* (a), *-dor*, *-agem*, *-douro*, *-ismo*, *-ment* (o), *-ção*, entre outros. Neste contexto, nos topônimos palmenses encontrou-se os sufixos seguintes: *-inho* (Coqueirinho<sup>2</sup>), *-ao* (Veredão<sup>3</sup>, Ribeirão<sup>4</sup>), *-eir* (o, a) (Cerejeira<sup>5</sup>).

No que concerne à composição, Dias (2016) aponta que:

[...] é o processo de criação de novas palavras pela combinação de vocábulos já existentes, formando novo significado. Por meio desse processo, dois morfemas lexicais se combinam produzindo uma fusão semântica, muitas vezes, completa. A composição de palavras pode ser por aglutinação ou justaposição, dependendo do tipo de fusão que ocorre, se mais ou menos íntima. Na justaposição, os elementos combinam-se mantendo a sua autonomia fonética, isto é, mantendo o acento e todos os fonemas. Na aglutinação, os elementos fundem-se num todo fonético, com acento único, ocorrendo perda ou alteração de fonema. (DIAS, 2016, p. 39)

Sob o mesmo ponto de vista, o que definirá e caracterizará a função desse processo é a sua estrutura, segundo Basílio (2007, *apud* Dias, 2016), uma vez que toda base que se junta a fim de formar uma palavra composta exerce um papel definido pela estrutura da composição. A autora menciona o composto formado por substantivo + substantivo, no qual o primeiro funciona como núcleo da construção e o segundo como modificador, qualificador ou especificador, ex.: *salário-família*, *couve-flor*. Com relação à composição de substantivo + adjetivo, o núcleo sempre será o substantivo e o adjetivo o modificador, independente da ordem, ex.: *amor-perfeito*. Quando o composto é formado com verbo + substantivo, o substantivo tem a função similar a do objeto direto do verbo na sentença, ex.: *beija-flores*, *guarda-roupas*.

Tratando-se do hibridismo, outro mecanismo de formação de palavras, Monteiro (2002, *apud* DIAS, 2016) aponta que são combinações de elementos de

<sup>2</sup> Assentamento de Palmas

<sup>3</sup> Assentamento de Palmas

<sup>4</sup> Rio Ribeirão Taquaruçu Grande

<sup>5</sup> Rua do Setor Morada do Sol II

línguas variadas para a constituição de novos vocabulários. No entanto, devido o falante não conseguir determinar e identificar a origem da língua das partes que constituíram a palavra mediante o hibridismo, não é considerado um novo processo de formação vocabular. O que diferencia o processo da produção de vocabulários híbridos do de derivação e composição são os elementos formadores, ex.: *sociologia* (latim + grego), *burocracia* (francês + grego).

Para Guiraud (1980), a respeito das palavras quanto pertencentes ao léxico, pode-se afirmar que são criadas com o intuito de nomear as coisas, podendo elas já serem nomeadas ou não, ou por não exercerem de maneira eficaz a sua função. Assim, o léxico é formado por palavras que, segundo ele, são etimologicamente motivadas, podendo tomar quatro formas: motivação externa - fonética (direta e natural) e metassêmica (mudança de sentido), interna - morfológica (tipo mais geral e mais fecundo) e paronímica (menos regular e mais accidental). A motivação não é determinante, mas é uma força criadora essencial à linguagem social.

Desta forma, as palavras são criadas para denominar algo, podendo sofrer alterações fonéticas ou uma evolução de sentido. É possível diferenciar o sentido de uma determinada palavra por meio do sentido de base, do sentido contextual, e/ou valores estilísticos divididos em dois tipos: valores expressivos e a dupla função da linguagem, cuja linguagem tem função lógica ou cognitiva, evocando no espírito as imagens formadas no próprio espírito no interlocutor; os valores sócio-contextuais, os quais evocam a imagem daqueles que as empregam ordinariamente e a imagem das situações nas quais pessoas estão implicadas.

Na próxima seção apresenta-se uma breve discussão sobre a Onomástica, visto que ela é uma ciência que se encontra no domínio da Lexicologia, tendo como objeto de estudo os nomes e os sistemas de nomeação, que serviram de base para os estudos.

## 2.2 ONOMÁSTICA

Nomear as coisas é uma das funções mais belas da linguagem, pois é o significado dos nomes que instituem e relacionam as formas de percepção da realidade, além de representarem as características de uma comunidade/cultura. De acordo com Biderman (1998):

[...] a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses seres e objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. (BIDERMAN, 1998, p. 11)

Com isso, o indivíduo apropria-se do real, organizando o mundo que o cerca.

O nome, desde os gregos, suscitou uma questão ontológica<sup>61</sup>. Desde então, existe a preocupação quanto à nomeação, no que diz respeito à sua relação com o *ser* ou *coisa* nomeada, pois:

A arte de dar nomes às coisas é arte rara, de difícil execução, pois exige que se olhe para o nome que cada coisa tem por natureza e se saiba exprimir, com letras e sílabas, sua ideia fundamental. (MARTINS, 2002, p. 50).

Esta atividade era considerada como pressupor a existência de algo. O problema ontológico dos nomes era formado a partir da análise da relação dos nomes com o estado de coisas do mundo, isto é, com o princípio de identidade. Neste, os seres são discriminados a partir de sua essência, ou seja, a partir das características que permitem a identificação dos objetos no mundo. Assim, se há um nome é porque existe o que foi nomeado. Nesse horizonte, para Platão (2001), não se pode afirmar nada com sentido acerca do nada, do não ser, pois sobre ele não há significado, desse modo, pode-se inferir que ele não faz parte da realidade.

Neste contexto, a Onomástica surge com estudos voltados aos nomes e aos sistemas de nomeação, desde sua origem às alterações no significado e forma dos nomes próprios. Ela subdivide em dois campos: a Toponímia e Antroponímia. Mesmo fazendo parte da vida e da cultura dos humanos, ainda há pouca reflexão sobre o nome próprio e dos lugares.

Para Dias (2016, p. 42), sua forma de trabalho se aplica, especialmente, em documentos que apresentam dados oficiais como mapas, documentos historiográficos, entre outros. Dessa maneira, “possibilita a junção da história da nomenclatura com momentos históricos e sociais mais amplos”, perspectiva adotada para este trabalho.

---

<sup>61</sup> “Ontologia significa “**estudo do ser**” e consiste em uma parte da **filosofia** que estuda a **natureza do ser, a existência e a realidade.**”

A Onomástica divide-se em duas vertentes, a Toponímia e a Antroponímia. Explicando mais detalhadamente, a toponímia é uma disciplina que integra a ciência Linguística e se ocupa da origem do significado dos nomes e lugares. Subdivide-se em *hidrônimos* – estudos voltados aos nomes de cursos d’água; *limnônimos* – estudos sobre os nomes de lagos; *orônimos* – estudos relacionados às divisões administrativas e de estradas, visa estudar os nomes de lugares, considerando sua origem e evolução; *Corônimos* – estudos voltados às subdivisões administrativas e de estradas e *Exônimos* – estudos direcionados aos nomes pelo qual um nome próprio é conhecido em outra língua. Já a segunda vertente, a Antroponímia<sup>7</sup>, direciona seus estudos ao nome das pessoas, visando esclarecer sua origem, evoluções e variações recebidas a partir da sua localidade, costumes e época.

De acordo com Solís (1997, *apud* DIAS 2016), os nomes são resultado de algo que os provocam, e o que os provocam é o sistema denominativo formado pelas culturas para nomear as entidades percebidas por eles. Dessa forma, compreende-se que como disciplina, a Onomástica se compromete a aplicar como objeto de estudo os sistemas de nomeação que fundamentam os processos de atribuição de nomes.

Em referência à vida em sociedade, a qual resulta em nomear, entende-se que o homem se utiliza das palavras para suprir sua necessidade de identificar as coisas. “E a designação e a nomeação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem” (BIDERMAN, 2006, p. 01, *apud* DIAS, 2016, p. 43). Dessa maneira, forma-se a classe nome por meio de termos que se utilizam para nomear uma entidade da realidade. Porém, os nomes podem fazer referências a conjunto de uma espécie, que nos estudos linguísticos tradicionais são conhecidos como nomes comuns, ou a seres individuais especificando-o mediante aos vários de sua natureza. Quanto às classes nos nomes, Dias (2016) aduz que:

A classe dos nomes próprios é bastante heterogênea. Estão incluídos nessa classe nomes de pessoas, lugares, nomes próprios de animais e plantas, nomes próprios de entidades, nomes próprios de objetos, seres naturais e seres fantásticos, o nome das artes, da ciência e movimentos intelectuais, nomes de planetas e astros, entre outros. [...] os nomes de pessoas e de

---

<sup>7</sup> Disponível em < <http://www.infoescola.com/linguistica/antroponimia/>> Acesso em: 28 de julho de 2017.

lugares sempre são referidos nessa classificação. Eles constituem os nomes próprios por excelência. (DIAS, 2016, p. 44)

Com isso, é perceptível que a classe dos nomes é ampla, entretanto, ainda há divergência entre autores quando se trata dos membros que podem ser incluídos em determinada categoria, entretanto isso não ocorre com os nomes de pessoas e lugares.

Já a respeito dos estudos acerca da significação de um nome, é uma questão antiga, sem nenhum consenso até a atualidade. A relação entre *palavra* e *coisa* a quem ela se refere/significa, teve início com os filósofos da época de Sócrates e Platão, os quais propuseram que a denominação é a relação semântica que liga as palavras às coisas. A partir disto, surge a questão sobre a origem (natural ou convencional) dos nomes dados às coisas.

No que tange ao nome próprio, se serve como referência a quem foi denominado ou se tem significado, é discutido pela Semântica Formal e pela Filosofia da Linguagem. Com isso, do ponto de vista semântico, compreende-se que os antropônimos e topônimos devem ser analisados levando em consideração os movimentos históricos e socioculturais de um grupo e não apenas como nomes comuns, pois eles são controlados por práticas/necessidades sociais (DIAS, 2016).

### 2.3 TOPONÍMIA

A toponímia é o estudo interdisciplinar da língua, uma vez que várias componentes interagem entre si. Os estudos toponímicos vão além de uma mera classificação, pois eles se dão também por meio da necessidade humana, quanto à identificação e identificação do mundo. Apesar disso, vale ressaltar que algumas nomeações não são necessariamente de cunho identificacional, posto que em alguns casos possam ocorrer à imposição por forças político-religiosas, sociais e ideacionárias.

Solís (1997, *apud* Dias, 2016) ressalta que são nomeados os elementos geográficos da natureza, tendo como exemplo ilhas, rios, lagoas, mares, continentes e outros. Há também entidades criadas pelo homem que necessitam ser nomeada, tais como povoado, represa, rua, represa. Acrescentam-se ainda as do universo que foram criadas pela cultura, ou seja, o mundo não físico, que geralmente refletem uma visão de mundo específica em cada cultura.

Quanto à definição da Toponímia na condição de disciplina linguística, vem do grego *topos* – que significa lugar e *onoma* – significa nome. Ela investiga o léxico toponímico objetivando compreender sua origem, transformações e significados, dessa forma, é possível notar a relação língua, povo e território (imaginário ou físico). Neste sentido, destaca-se que:

A nomeação dos lugares sempre foi uma atividade muito comum para a humanidade. Desde os tempos mais remotos, os registros mais antigos da história da civilização humana confirmam essa ação do homem sobre o lugar que ele habitava ou pretendia habitar. Trata-se de uma forma de posseção ou dominação, bem como significação, organização e orientação do espaço físico. Por outro lado, a nomeação manifesta-se como a ação do meio físico e sociocultural sobre o homem. (DIAS, 2016, p. 50).

Por meio disso, sabe-se que a necessidade de nomear não se trata apenas de lugares, mas sim de qualquer coisa existente. Tudo que entra em contato com o homem, exerce sobre ele uma necessidade em seu interior, ocasionando essa ação.

A Toponímia pode ser considerada ainda uma componente interdisciplinar, como já foi citado anteriormente, uma vez que diversas áreas do conhecimento congregam-se nela. Dessa forma, tem-se a possibilidade de estudar os nomes dos lugares enfocando questões socioculturais, aspectos físicos, históricos e mentais, coadunados ou isolados. Conseqüentemente, a Antropologia, História, Geografia, dentre outras, podem considerá-la como seu objeto de estudo. Entretanto, para Dick (1992), nenhuma destas áreas conseguiriam isoladamente alcançar a plenitude do fenômeno onomástico, posto que, a Toponímia é, primeiramente, “um imenso conjunto complexo línguocultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente” (DICK, 1992, p.16).

De acordo com DIAS (2016, p. 51) “a vasta literatura que se encontra a respeito da Toponímia está direcionada para os dois vieses: o homem em relação ao meio ambiente natural ou o homem em relação ao meio sociocultural, separados ou simultaneamente”. Isso posto, este trabalho aborda os dois aspectos, visando à obtenção de uma perspectiva mais ampliada do estudo. Com isso, nesta seção avalia-se a Toponímia no que concerne aos aspectos socioculturais, históricos e físicos.

Pode-se entender então que apesar do estudo toponímico de uma determinada região apresentar os aspectos socioculturais e memórias históricas daquele grupo, acarretando no reflexo do topônimo, o léxico toponímico manifestará

ainda a relação do homem com o espaço e com outros homens. Mediante isto, compreende-se que o topônimo faz referência ao lugar e ao homem que o criou.

Quanto aos estudos das motivações toponímicas, divide-se em duas categorias: os nomes de lugares motivados por natureza Física e nomes de lugares motivados por natureza Antropocultural. Ou seja, averigua-se pelos pontos de vistas ambiental e sociocultural.

O topônimo é a representação simbólica específica do espaço, assim, ele atesta a identidade cultural do povo daquele lugar. Acrescenta-se que, para Dick (1992), o topônimo não é um signo genérico da língua e, como meio de suporte de identificação, ele carrega uma carga ideológica, política, histórica e sociocultural. Com isso, para Dias 2016:

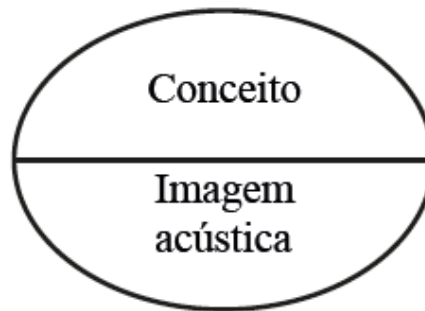
[...] a Toponímia é um rico depósito de memória coletiva de uma sociedade, visto que os nomes de lugares registram aspectos importantes da vida social, cultural, política, ideológica do momento do ato denominativo para gerações futuras. Ao examiná-los, o pesquisador estará rememorando esses fatos que motivaram o aparecimento dos nomes, além de perceber o pensamento ou a mentalidade da época em que se inserem os fatos históricos que dão suporte à Toponímia. (DIAS , 2016, p. 54)

Entende-se então, que ao estudar a toponímia local promove-se o resgate da identidade linguística e sociocultural do ambiente.

Em relação ao que já foi tecido acima, é importante ressaltar que, para que a comunicação seja materializada de forma plena, são utilizados dois elementos: a linguagem, que retrata o sistema de sinais convencionais, de natureza verbal ou não verbal no todo; e a língua, que representa um sistema de signos convencionais, utilizados pelos componentes de uma determinada comunidade.

Em meio aos linguistas que se dedicaram a estudar a linguagem, Ferdinand de Saussure foi um dos que mais se destacou. No início do século XX, salientou a arbitrariedade do signo e a linearidade do significante como característica do signo linguístico. Saussure (1969, p. 24), define a língua como “um sistema de signos que exprimem ideias” e, desse modo, funciona devido a um contrato social entre falantes de uma mesma língua. O signo linguístico é considerado por ele como “uma entidade psíquica de duas faces”, que se encontram “intimamente unidos e um reclama do outro”, representada a seguir:

Imagem 1 – Conceito e Imagem Acústica



**Fonte:** SAUSSURE, 1969, p. 80

Na concepção da figura acima, o signo linguístico é concebido por Saussure como a junção de um conceito e de uma imagem acústica, ou seja, para ele, conceito é sinônimo de significado – plano das ideias, em oposição ao significante – plano de expressão.

Para Zamariano (2012), o signo é de caráter arbitrário, uma vez que seu conceito não deve transparecer a ideia de que o significado vai de acordo com a escolha de que o fala. Já o significante é imotivado, é arbitrário no que concerne ao significado, com o qual não se relaciona na realidade.

A partir disso, pode-se dizer que o signo linguístico concebe-se como um elemento representativo, formado por dois aspectos básicos: o significante e o significado, desenvolvendo, dessa maneira, um todo indissolúvel.

Exemplificando, com base na palavra “árvore”, quando ouvimos a palavra, uma imagem psíquica associa-se à materialização dela, é uma forma gráfica que a representa a partir de então, mediante fonemas que constituem as sílabas.

A sociedade se organiza em torno de um vasto universo de signos, de igual modo, a linguagem e seus signos se portam em um estado absoluto, uma vez que, todos dependem do signo para viver e interagir no meio social em que estamos inseridos. Para Fiorin (2005, p. 55) “Os signos são, assim, uma forma de apreender a realidade. Só percebemos no mundo o que nossa língua nomeia”.

Quanto ao signo toponímico, o homem estipula algumas relações consigo, ao mostrar seu conhecimento da realidade em que ele vive e utilizar seu conhecimento para indicar um local, e após com seus interlocutores, visto que, por meio do topônimo, o real significado que lhe atribuiu é transmitido com maior exatidão.

Isquierdo (1997), afirma que o signo toponímico denota algumas especificidades que fazer jus a um destaque, e elucida dois aspectos relevantes na sua organização:

[...] primeiramente, trata-se de nomes próprios cuja função específica e a de identificar e não de significar [...] cuja análise de sua estrutura pode fornecer elementos para esclarecer muitos aspectos referentes a história política, econômica e sociocultural de uma região [...]. Em segundo lugar, é preciso atentar para o fato de que toda nomeação, normalmente, é estimulada (ou até mesmo condicionada) por fatores inerentes à realidade circundante do denominador. (ISQUERDO, 1997, p. 15)

Consequentemente, ao escolher o nome de um lugar, deve-se levar em consideração os processos cognitivos da língua nos estudos toponímicos. Uma vez que a motivação toponímica se dá, primeiramente, por meio da intencionalidade do indivíduo. Ele só nomeia um lugar que devido a algum fator que lhe chamou atenção, ativando seu campo cognitivo.

Em relação à formação do topônimo, sabe-se que esta pode ser feita por frases, palavras ou orações, podendo incluir ou suprimir alguma unidade. Tais emissões dependem das regras do sistema de denominação das culturas e regras gramaticais de uma língua específica, dado que qualquer sistema linguístico existirá formas para criação de emissões que atuem como nomes, Solís (1997, *apud* DIAS 2016).

Assim, Dias (2016, p. 63) compreende que “os topônimos, se forem um nome simples ou composto, seguem as regras de formação de palavras, e se forem frases e orações, as regras gramaticais da língua em que estejam inseridos”. Para estudar e compreender a constituição linguística toponímica do Tocantins é necessário buscar entender como uma formação linguística conecta-se ao lugar por meio da sua configuração na nomenclatura onomástica.

Conforme cita Dick (1992) a respeito da constituição morfológica dos topônimos, podem denotar três estruturas: I – elemento simples ou topônimo, o qual é determinado por apenas um formante, podendo apresentar-se seguido de sufixação aumentativa, diminutiva ou de outras significações; as terminações em – *pólis*, – *lândia* e – *burg* pertencem a esse grupo. II – topônimo composto ou elemento específico composto, indica mais de um elemento formador, origens diversas entre si. III – topônimo híbrido ou elemento específico híbrido, estruturado por elementos linguísticos com diferentes procedências. Este determinado tipo de formação na

toponímia brasileira estipulou-se de acordo com a língua portuguesa + indígena ou indígena + portuguesa.

A sugestão de Dick (1992), citada acima, foi proposta neste estudo para identificar a estrutura linguística dos topônimos Palmenses juntamente com a teoria lexical de formação de palavras na língua portuguesa.

Para Isquerdo (1997, p. 33), no que diz respeito à complexidade quanto à busca da motivação do signo toponímico afirma que:

[...] a diversidade de influências culturais na formação étnica da população, como também, as especificidades físicas de cada região tornam dificultosa toda tentativa de explicação das fontes geradoras dos nomes de lugares e de acidentes geográficos. Em vista disso, o esclarecimento da origem de determinados topônimos fica na dependência da recuperação, não raras vezes, de fatores extralingüísticos como as características geo-sócio-econômicas de uma região e, conseqüentemente, as marcas étnicas e sociais da população habitante em tal espaço físico-cultural.

Para Solís (1997, *apud* DIAS, 2016), os motivos toponímicos, diferenciam-se em: motivos ideais, fruto da criatividade humana; e motivos reais, que fazem parte da realidade, que existem na natureza. São sistematizados desta maneira:

Quadro 3 – motivos toponímicos ideais e reais

<b>Motivos Ideais</b>	<b>Motivos Reais</b>
Assuntos honoríficos	Configuração geográfica ou relevo
Divindades	Propriedades físicas do terreno
Personagens históricas	Características ambientais
Sucessos históricos, dentre outros.	Recursos zoológicos, botânicos e hidrológicos e outros.

Fonte: SOLÍS, 1997, p. 29 *apud* Dias, 2016, p. 66

Já em relação à classificação toponímica, Dick (1990, 1992) propôs uma metodologia utilizando taxes, aperfeiçoando-as a outros modelos já existentes, adaptando-as à realidade do Brasil, dessa forma, sugeriu-se por ela um modelo de análise com o intuito de verificar as causas motivadoras dos nomes geográficos.

As categorias taxonômicas são distribuídas em 27 taxes, sendo 11 delas relacionadas aos aspectos Físicos e 16 aos aspectos Antropoculturais do ambiente. Pode-se dizer que essa metodologia auxiliou na independência dos estudos no ramo da toponímia. O modelo referido constitui-se da seguinte forma:

### **Taxonomias de Natureza Física**

- *Astrotônimos* – quando o topônimo refere-se a corpos celestes, com ou sem luz própria, ex.: Fazenda Lua.
- *Cardinotônimos* – quando o topônimo faz referência quanto à posição geográfica, ex.: Serra do Norte.
- *Cromotônimos* – o topônimo classifica-se com essa taxa quando se refere à escala cromática, ex.: Rio Pardo.
- *Dimensiotônimo* – topônimos que fazem referência ao sentido de extensão, profundidade, comprimento, dimensão, ex.: Rio Grande.
- *Fitotônimos* – topônimos que se relacionam a vegetais, ex.: Sucupira (TO).
- *Geomorfotônimos* – topônimos referentes a formas topográficas, ex.: Chapada da Natividade (TO).
- *Hidrotônimos* – topônimos referentes a acidentes hidrográficos, ex.: Riachinho (TO).
- *Litotônimos* – topônimos de natureza mineral, ex.: Cristalândia (TO).
- *Meteorotônimos* – topônimos referentes a fenômenos atmosféricos, ex.: Serra do vento (PB).
- *Morfotônimos* – topônimos que refletem o sentido da forma geométrica, ex.: Córrego Volta Grande (GO), Triângulo (MT).
- *Zootônimos* – topônimos de índole animal, ex.: Arraias (TO).

### **Taxonomias de Natureza Antropocultural**

- *Animotônimos* ou *Nootônimos* – topônimos que se relacionam à vida psíquica e a cultura espiritual, ex.: Paraíso do Tocantins (TO).
- *Antrotônimos* – topônimos relativos aos nomes próprios individuais, ex.: Pedro Afonso (TO).
- *Axiotônimos* – topônimos relativos a títulos e dignidades, ex.: Presidente Kennedy (TO).
- *Corotônimos* – topônimos relativos aos nomes de cidades, estados, países, regiões e continentes, ex.: Filadélfia (TO).
- *Cronotônimos* – topônimos que abrangem indicadores cronológicos, como novo/nova, velho/velha, ex.: Nova Olinda (TO).
- *Ecotônimos* – topônimos que se referem às habitações de um modo geral, ex.: Córrego Taperão (GO).

- *Ergotopônimos* – topônimos relativos aos elementos da cultura material, ex.: Balsas (MA).
- *Etnotopônimos* – topônimos que se referem aos elementos étnicos, ex.: Xambioá (TO).
- *Dirrematotopônimos* – constituídos por frases ou enunciados linguísticos, ex.: Valha-me Deus (MA).
- *Hierotopônimos* – topônimos referentes aos nomes sagrados, enfermidades religiosas ou a locais de culto, podendo representar outras duas subdivisões: *a) hagiotopônimos* – topônimos referentes aos santos (as) do hagiolégio romano; *b) mitotopônimos* – topônimos que fazem referência às entidades mitológicas, ex.: Natividade (TO).
- *Historiotopônimos* – topônimos relacionados aos movimentos de cunho histórico-social, aos seus membros ou as suas datas, ex.: rio 7 de setembro (MT).
- *Hodotopônimos* (ou *odotopônimos*) – topônimos relacionados às vias de comunicação urbana ou rural, ex.: Passagem franca (MA), Córrego da ponte (GO).
- *Numerotopônimos* – topônimos que se referem a adjetivos numerais, ex.: Dois irmãos (TO).
- *Poliotopônimos* – topônimos que são constituídos pelos vocábulos *vila*, *aldeia*, *cidade*, *povoação*, *arraial*, ex.: Vila Quixaba (TO).
- *Sociotopônimos* – topônimos referentes às atividades profissionais, locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade, ex.: Córrego do retiro (GO).
- *Somatopônimos* – topônimos com relação metafórica às partes do corpo animal ou humano, ex.: Rio da Mão Esquerda (AL).

É importante salientar que a terminologia dessas taxas compõe-se por meio de dois elementos, o primeiro tem como função a definição da classe genérica, enquanto o segundo, a origem do campo de estudo específico.

A proposta de Solís (1997, *apud* DIAS, 2016) para classificação dos topônimos requer dois critérios: a origem linguística, que se refere à língua ou família de línguas de onde provém o termo que funciona como topônimo; e a entidade geográfica a que se denomina. Esses critérios permitem perceber e diferenciar as entidades geográficas e culturais, possibilitando uma classificação taxonômica mais

efetiva. Essas classificações toponímicas de Solís (1997) podem ser apreciadas no quadro a seguir:

Quadro 4 – Classificação Toponímica de Solís

Estudo de classe organizada dos topônimos	Objeto de estudo	Taxonomia classificatória do topônimo
Econímia	Nomes próprios de lugares habitados	Ecônimo
Hidromínia	Nomes de entidades hidrográficas	Hidrônimo
Nesonímia	Nomes de ilhas e ilhotas	Nesônimo
Oronímia	Nomes de entidades orográficas	Orônimo
Litonímia	Nomes de formações rochosas	Litônimo
Ationímia	Nomes de centros povoados	Astiônimo
Astronímia	Nomes de astros	Astrônimo

**Fonte:** Solís, 1997, p. 24, apud Dias, 2016, p. 71.

Ainda, se os forem consideradas as realidades que motivam a denominação toponímica, o topônimo pode ser ainda: zootopônimo, antroponesônimo, fitotopônimo, fitonesônimo, antrotopônimo, entre outros.

No próximo capítulo, apresentam-se os dados do estudo, relacionando-os às figuras homenageadas nas nomeações dos topônimos, com base nas análises dos autores aqui referenciados.

### **CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO DOS DADOS: CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO E SOCIOCULTURAL DOS TOPÔNIMOS**

Nesta parte, consta o *corpus* da pesquisa. Assim, aborda-se brevemente a criação do *Estado do Tocantins*, objetivando explicar o contexto histórico. Em seguida, fala-se sobre o *Nascimento da capital Tocantinense*, relatando os processos da sua constituição, bem como informações sobre a sua estrutura e a respeito das *Avenidas Teotônio Segurado e Juscelino Kubitschek (JK)*, apresentando sua localização e relevância.

#### **3.1 O ESTADO DO TOCANTINS**

Aqui será feita uma contextualização da história do Tocantins, levando em consideração os aspectos que influenciaram nas escolhas dos topônimos estudados. Faz-se necessário esta abordagem, pois ao situar o objeto de pesquisa em sua cultura, contexto histórico, político, religioso e geográfico, as motivações dos nomes começam a fazer sentido, pois elas estão ligadas à conjuntura social do período.

O estopim para a divisão do Norte e do Sul, além de outros conflitos, foi a cobrança exacerbada de impostos durante o período da mineração no estado de Goiás. A exigência feita na mina do Tocantins (mina do Norte) era o alto valor pago por escravos, quando comparado ao valor que a mina do Sul repassava. Claramente os mineiros nortistas não concordaram com esta decisão, então pediram a revogação dessa ordem. Mediante este fato, percebe-se então que esta discriminação fiscal contribuiu, desde o princípio, para o movimento separatista, (CAVALCANTE, 2003 apud DIAS, 2016).

Assim, Palacin (1990, *apud* DIAS, 2016), para facilitar a fiscalização fiscal e judiciária, no dia 18 de março de 1809 (data em que se comemora a autonomia do estado do Tocantins), a capitania foi dividida em Comarca do Sul, com sede em Vila Boa e Comarca do Norte, com sede em São João das Duas Barras, tendo como ouvidor Joaquim Teotônio Segurado. Este fato agravou as diferenças entre as duas Comarcas e as lutas separatistas só terminaram no século XX com a criação do estado do Tocantins.

No ano de 1943, o documento “Manifesto ao Povo do Vale do Tocantins” foi assinado pelos políticos do norte de Goiás e levado ao presidente Getúlio Vargas,

com a proposta da criação do território Tocantinense. A luta se fortaleceu com a participação de Siqueira Campos, mediante um projeto apresentado por ele e aprovado no Congresso no dia 20 de março de 1985, mas que foi vetado por José Sarney, que alegou desequilíbrio econômico do Norte em relação ao Sul. Contudo, em 1988, o projeto foi aprovado, fixando a data de 05 de outubro o Dia da Criação do Estado (PÓVOA, 1999, *apud* DIAS, 2016).

Para Dias (2016, p. 96), “Com a criação do Tocantins, muitos povoados e distritos, tornaram-se municípios independentes. No momento em que o estado foi instituído, contava com 60 municípios. Do ano de 1989 a 1997, foram criados mais 79 municípios”, hoje o estado conta com 139. Em relação aos municípios com topônimos com acréscimo do termo “de Goiás” ou “norte”, foram modificados para “do Tocantins”, ex.: *Conceição do Norte* para *Conceição do Tocantins*.

De acordo com os dados do IBGE, encontrados em Dias (2016), o estado do Tocantins encontra-se dividido em mesorregião ocidental, que compõe-se por 93 municípios agrupados em cinco microrregiões, sendo elas Araguaína, Gurupi, Bico do Papagaio, Miracema do Tocantins e Rio Formoso. Tem-se ainda a mesorregião oriental, formada por 46 municípios e composta de três microrregiões: Dianópolis, Jalapão e Porto Nacional. Possui uma população estimada em 1.515.126 habitantes. Faz fronteira com o estado do Maranhão, Piauí, Goiás, Bahia, Mato Grosso e Pará; e localiza-se no Norte do país.

Segundo Chiaradia (2008), a palavra Tocantins do tupi *tukan* (tucano) + *tin* (nariz), refere-se aos rios Araguaia e Tocantins, pois os mesmos, ao se encontrarem, remetem o formato do bico do tucano. Ambos localizam-se na região do bico do papagaio. O rio Tocantins é o segundo maior do Brasil e desencadeia praias fluviais junto ao Araguaia.

### 3.2 O NASCIMENTO DE PALMAS

Segundo Nascimento (2009), o desejo de criar uma cidade planejada nasceu antes mesmo da criação do estado, na década de 1980, pelos movimentos de vanguarda em busca da emancipação política. A partir disso, optaram pela margem a direita do rio Tocantins por ser uma região isolada.

Após a criação do Estado, o atual Presidente da República, na época, José Sarney, tinha como missão escolher a capital do Tocantins, tendo como

recomendação o município de Miracema, por Siqueira Campos (eleito governador, mas que ainda não havia tomado posse), o que gerou frustração nas candidatas Araguaína; por ser uma cidade mais desenvolvida, Gurupi, pela sua estrutura e Porto Nacional, devido as suas referências históricas e localização centralizada.

O governador Siqueira Campos pretendia realizar a construção de uma cidade planejada, não sendo conveniente para ele a adaptação dos três municípios. Com isso, teve que usar argumentos para mobilizar os políticos e a população no anseio de desenvolver a Capital (NASCIMENTO, 2009).

Por meio do Decreto nº 97.215, de 13 de dezembro de 1988, foi nomeada como capital provisória a cidade de Miracema, pelo presidente José Sarney, após deixar a missão para a Assembleia Estadual Constituinte. Houve protestos pelos araguainenses, causando estagnação na BR – 153, mas sem sucesso.

Nascimento (2009) aponta que somente no dia 20 de maio de 1989, a cidade foi fundada por trabalhadores que vieram do interior do estado e de outras regiões do país, mas definiu-se como a capital tocantinense apenas no dia 1º de janeiro de 1990, pois ela não possuía condições físicas de sediar o governo no momento.

No período de sua criação, a população se preparava para a “Rio 92” – maior conferência realizada sobre meio ambiente. Isso influenciou para que Palmas fosse planejada de forma que suas quadras fossem próximas a praças e bosques.

Após alguns estudos técnicos, foi apresentado por uma comissão um documento que destacava Santa Luzia, Mangues, Carmo e Canela para ser a nova sede da capital, sendo escolhida a área do Canela por apresentar as melhores condições de abastecimento de água, além da bela paisagem, para desenvolvimento do que seria a maior cidade do estado.

Palmas é caracterizada por ter a melhor qualidade de vida, comparando-a com outros municípios do norte brasileiro. Seu crescimento, desde a década de 1990 é grande.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE), sua área é de 2219<sup>2</sup> km<sup>2</sup> e altitude de 260m. Tem como vizinhas as cidades de Lajeado, aparecida do Rio Negro, Novo Acordo, Santa Tereza do Tocantins, monte do Carmo, Porto Nacional e Miracema do Tocantins. Atualmente, é considerada a capital mais quente do Brasil, predominando o clima tropical com estação seca.

Em relação à saúde, divulgou-se por meio do Ministério da Saúde, que Palmas é a cidade que possui o menor índice de obesidade do país, além de estar com bons resultados quanto a hipertensão arterial e diabetes. E, segundo o IBGE (2012), a capital dispõe aproximadamente 144 estabelecimentos de saúde, entre eles em 61 públicos e 83 privados.

Quanto à educação, tem-se o sistema de ensino primário e secundário, instituições de níveis superiores ofertadas por instituições/escolas públicas e privadas. Em 2015, segundo o Índice de Desenvolvimento Humano de Educação Básica (IDEB), Palmas alcançou o melhor índice nas séries finais.

### **3.2.1 Palmas: A cidade e a natureza dão nome à capital do Tocantins**

A cidade teve seu início de criação no final do século XVII, com a chegada dos jesuítas e garimpeiros a procura de ouro, mas somente em 1857 categorizou-se como cidade, por meio da lei provincial do dia 05 de outubro (DIAS, 2016).

Nomeada primeiramente como arraial da *Barra da Palma*, a atual cidade de Paranã, umas das motivadoras da nomeação da capital Palmas, no ano de 1815 também já se chamou Vila de São João da Palma e, posteriormente, Palma, devido a sua construção ter sido realizada no vértice dos rios Paranã e Palma. A cidade caracteriza-se por suas ruas sem curvas e sem becos, o que a assemelha a Portugal, conforme foi determinado por Segurado, autor do plano urbanístico.

Para Dias (2016), pelo fato da cidade ficar entre dois rios que deságuam no rio Tocantins, a cidade foi impactada economicamente pelo comércio fluvial, tornando-se um entreposto importante na exportação e importação de mercadorias entre o estado de Goiás e a cidade de Belém no estado do Pará.

Segundo Pohl (1976 apud DIAS, 2016), foi fundado o povoado nomeado como Vila de São João da Palma, por Joaquim Teotônio Segurado. Com isso, através da divisão da capitania, decidiu-se que lá seria criada uma vila, o que Teotônio discordou, achando o local inadequado. Então, após pedir uma permissão à coroa portuguesa, a sede da ouvidoria instalou-se na vila de Natividade, mas foi removida logo depois da sua edificação. Com isso, a extinta povoação da *Barra da Palma* tornou-se a vila de *São João da Palma*, conforme o alvará de 25 de janeiro de 1814.

### 3.3 AVENIDAS: TEOTÔNIO SEGURADO E JUSCELINO KUBITSCHKEK (JK)

A Avenida Joaquim Teotônio Segurado é a maior avenida da cidade e da Região Norte do Brasil e está localizada no Plano Diretor Sul, cortando a cidade do norte ao sul. Foi inaugurada no ano de 1990, e tem extensão de 26 km, e é considerada a avenida em linha reta mais longa do país.

Já a Avenida Juscelino Kubitschek, atravessa a capital de leste a oeste, no Plano Diretor Norte. Localiza-se na região central, ligando a TO-050 ao lago de Palmas e é considerada como principal centro comercial, além de ter sido uma das primeiras vias a receber infraestrutura básica.

Tais avenidas são de importância imensurável para a população palmense, pois são meios de acesso aos seus locais de trabalhos, realização de compras, passeios e por acolherem diversos pontos comerciais, concentrando grandes quantidades de agências bancárias, lojas de roupas, restaurantes e concessionárias.

#### **3.3.1 Joaquim Teotônio Segurado: da figura política à avenida**

De acordo com Silva (2008), Joaquim Teotônio Segurado nasceu no dia 25 de fevereiro do ano de 1775, em Moura – Portugal. Era filho de Maria das Dores Segurado e José Mendes Segurado. Estudou na tradicional Faculdade de Coimbra “Leis”, que corresponde a Ciências Jurídicas e Sociais, atualmente Direito e formou-se no ano de 1795, aos 20 anos.

No ano de 1804, Joaquim Teotônio Segurado foi nomeado pela rainha D. Maria I, em Portugal, Ouvidor Geral da capitania dos Goyazes, sendo promovido, em 1805 a Desembargador. No ano seguinte, viajou para o estado de Goiás, onde tomou posse como décimo quinto ouvidor da Capitania e, em seguida, Ouvidor da Comarca da Palma.

Por meio de sua empresa de navegação, lavouras, fazendas de gado e trabalhos com couro, Segurado prosperou no Tocantins. Com isso, pediu desligamento dos serviços públicos ao rei Dom João VI, para ser apenas um homem de negócios. Seu pedido não foi acatado, porém, tempos depois se tornou a principal figura da história do Tocantins, sendo eleito a deputado das Cortes e presidente da Junta Provisória de Governo da Palma.

Segurado preocupado ao perceber que devido à escassez do ouro no Tocantins várias áreas começaram a ser despovoadas, tomou como medida a

elaboração de um relatório ao governador de Goiás, o qual o encaminhou aos ministros da Corte (em Lisboa). Teve logo depois, como resposta, a decisão do príncipe D. João: a divisão da capitania de Goiás em duas; Comarca do Norte, S. João das Duas Barras, a qual assumiu a ouvidoria e notou que precisava da ajuda do governo para atrair moradores às margens do rio Tocantins; e a comarca do Sul.

Para Silva (2008), Joaquim Teotônio Segurado representava a sabedoria, a autoridade, e discordava totalmente com os abusos que os capitães-generais de Goiás realizavam, após a crise do ouro chegar ao sul do Goiás, com cobranças sobre artigos de importação e exportação. Com isso, gerou uma grande insatisfação na elite tocantinense. E, no dia 14 de setembro de 1821, na reunião pública que terminaria com a independência do Norte, Segurado assume a liderança política dos separatistas.

Após seu mandato de deputado ser encerrado, Teotônio foi nomeado membro Tribunal de Justiça portuguesa. Tempos depois, retorna ao Brasil, mas com a queda do governo da Palma, volta-se somente aos seus negócios antigos negócios.

No dia 3 de dezembro de 1831, foi publicada pelo jornal “A Matutina Meyapontense”, uma nota sobre seu falecimento (14 de outubro de 1831). Nela, anunciaram que os “jagunços” baianos havia o assassinado ou que isto foi feito por sua esposa. O crime não foi investigado pelo governo de Goiás, mas ao que tudo indica, após pesquisas históricas serem realizadas, foi um crime político. (SILVA, 2008).

### **3.3.2 Juscelino Kubitschek: da figura política à avenida**

As informações a respeito de Kubitschek foram retiradas do Dicionário Histórico - Biográfico Brasileiro (DHBB)<sup>8</sup>. Mediante isto, foi possível saber que Juscelino Kubitschek de Oliveira nasceu em Diamantina (MG), no dia 12 de setembro de 1902. Era filho de João César de Oliveira e de Júlia Kubitschek, e no ano de 1914 ingressou no seminário diocesano. Tempos depois, terminou o curso de humanidades, com 15 anos, mas por não sentir vocação para o sacerdócio abandonou o seminário.

---

<sup>8</sup> Disponível em: [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/juscelino\\_kubitschek](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/juscelino_kubitschek)

Trabalhou na Repartição Geral dos Telégrafos, em 1919, na função de telegrafista até finalizar a faculdade de Medicina. No ano de 1927, iniciou seu trabalho na Clínica Cirúrgica da Santa Casa de Misericórdia, mas logo se mudou para Paris, a fim de especializar-se em urologia. Quando regressou, reassumiu seus empregos em Belo Horizonte e organizou seu próprio consultório. Em 1931, integrou o corpo de médicos do Hospital Militar da Força Pública do estado de Minas Gerais e casou-se em dezembro do mesmo ano.

No dia 5 de setembro de 1933, dia da morte de Olegário Maciel, o cenário político iniciou os processos para a escolha de seu sucessor. Em 12 de dezembro Vargas nomeou Benedito Valadares como interventor federal, que após tomar posse convidou Juscelino para trabalhar como chefe no seu Gabinete Civil.

Em 1934, Juscelino filiou-se ao Partido Progressista de Minas Gerais (PP), com o propósito de concorrer ao cargo de deputado federal. Ocupou a secretaria do partido e foi eleito para o que seria seu primeiro mandato no ano de 1935. Devido a isso, abdicou do seu cargo no Hospital Militar e das suas funções na Santa Casa de Misericórdia (BH).

Após o fechamento do Congresso Nacional, dado por Getúlio com o apoio das forças armadas, durante o golpe de 10 de novembro de 1937, instituiu-se o Estado Novo com os poderes ditatoriais assumidos por ele. Tal fato ocasionou a Juscelino a perda do seu mandato na Câmara, dessa forma, optou por voltar à medicina e assumir seus cargos anteriores.

Kubitschek foi convidado por Benedito Valadares para assumir o cargo de prefeito de Belo Horizonte, em fevereiro de 1940. Embora não quisesse mais se afastar da medicina, dois meses após o convite descobriu que o decreto de sua nomeação havia saído no órgão oficial do estado após a ordem de Valadares. Assim, Juscelino apossou-se do cargo no dia seguinte. Porém não abandonou os cargos na medicina, continuou a operar e a fazer visitas a famílias pobres.

Em 1945, Juscelino passou a dedicar-se somente à política. Iniciou um grande projeto de remodelação da cidade de Belo Horizonte, empenhando-se às obras de infraestrutura, que procedeu desde a criação de grandes avenidas à construção de um conjunto arquitetônico da Pampulha, projetado por Niemeyer.

Com os movimentos para a criação de novos partidos políticos, Kubitschek contribuiu com o nascimento do Partido Social Democrático (PSD) em 1945. Além dele, houve o apoio de Vargas e dos interventores. Teve seu nome lançado para

concorrer às cadeiras de deputado federal, no dia 8 de outubro, na reunião da comissão executiva do PSD.

O ministro José Linhares, após sua posse no Supremo Tribunal Federal (STF), por meio da deposição de Vargas pelas forças armadas, teve como primeira conduta a substituição de interventores por representantes do poder Judiciário, o que acarretou a substituição de Juscelino por João Gusmán Júnior.

Em 1950, Kubitschek torna-se governador de Minas, mesmo almejando concorrer à presidência do país. Propõe como base de seu mandato o binômio energia e transporte.

No entanto, após Café Filho adoecer, o governo teve que ser transmitido a Carlos Luz, porém, teve impedimento pelo Congresso Nacional, assim, Nereu Ramos assumiu o posto até a posse de JK, que ocorreu em 31 de janeiro de 1956. Ao assumir a presidência, solicitou a abolição do estado de sítio e a censura à imprensa e sofreu como diversas oposições, uma delas foi por oficiais da Aeronáutica, que pregavam sua deposição. Inaugurou Brasília, no ano de 1960, e assinou uma mensagem dirigida ao congresso, sugerindo a criação da Universidade de Brasília.

Após o movimento militar de 1964, Goulart foi deposto do seu cargo na política. Com isso, manteve Kubitschek comunicações quanto o problema sucessório. Diante do desejo de Castelo Branco em concorrer às eleições presidenciais, seguiu essa pretensão.

Kubitschek teve um pedido de cassação formulado por Costa e Silva e, enquanto o processo caminhava, o PSD tentou suspendê-lo. Entretanto, no dia 8 de junho de 1964, o ato que cassava o mandato dele foi assinado, com isso suspendeu-se seus direitos por dez anos, o que ocasionou a decisão do PSD de retirar-se do parlamento de apoio ao presidente Castelo Branco.

Em 1967, Costa e Silva estava na presidência, Kubitschek que havia se ausentado do país retorna e sofre advertências de que poderia ter que prestar depoimentos em inquéritos que estivesse envolvido. No mesmo ano, ele tornou-se diretor-presidente do conselho administrativo do Banco Denasa de Investimento.

Com o agravamento situação política da época, o governo extinguiu a Frente Ampla, o que acarretou o seu abandono definitivo do cenário político, focando somente à área empresarial. Posteriormente, Tornou-se membro da Academia

Mineira de Letras e em 1974 recebeu o troféu “Juca Pato” pela União Brasileira de Escritores, por ter sido considerado o intelectual do ano.

Faleceu no dia 22 de agosto de 1976, vítima de um acidente de trânsito na via Dutra. Como forma de homenagem, em abril de 1980, Oscar Niemeyer construiu um monumento em homenagem a ele, que foi inaugurado no dia em que completaria 79 anos.

## CAPÍTULO IV – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Apresentam-se, neste capítulo, as *Fichas Lexicográfico-toponímicas* a fim de explicitar as análises e classificações das motivações dos topônimos em categorias taxonômicas e em seguida, a discussão dos dados. Optou-se pelo modelo de Dick (1990) e Dias (2016), uma vez que assim a análise torna-se mais completa por averiguar cada item minuciosamente.

### 4.1 TOPÔNIMO PALMAS

Ficha Lexicográfico-toponímica de Palmas

<b>Topônimo:</b> Palmas	<b>Lugar:</b> Cidade
<b>Município:</b> Palmas	
<b>Localização:</b> Região central do Brasil, área de 2.219 Km <sup>2</sup> , com a população de 257.904 (IBGE, 2013).	
<b>Estrutura Morfológica:</b> Elemento específico Simples (subst.)	
<b>Etimologia:</b> Do lat. <i>palma -ae</i> , 'folha de palmeira'. Pertence a família da ordem das arecales que reúne 203 gêneros e 2.650 espécies de árvores, tronco geralmente indiviso, também conhecidas como palmeira e coqueiro (HOUISS, 2001).	
<b>Motivação toponímica:</b> Homenagem à comarca de São João da Palma (Paraná) e pela quantidade de palmeiras encontradas no local que foi fundada a cidade de Palmas.	
<b>Taxionomia de Natureza Física e Antropocultural:</b> Fitotopônimo – nome derivado da vegetação e Corotopônimo - relativos aos nomes de cidades.	

O topônimo *Palmas* refere-se a uma cidade localizada no centro do Brasil, considerada como o último município planejado do país e é formado por elemento específico simples. Pertence à natureza física e antropocultural, classificando-se como Fitotopônimo, uma vez que deriva-se dos nomes de vegetais e Corotopônimo, cujo nome também está ligado ao de uma cidade, neste caso, a antiga Palma, atual Paraná. Quanto à etimologia da palavra, notou-se que provém do latim *palmae* e que faz referência à palmeira, uma planta perene não considerada árvore, pois o seu tronco não produz madeira.

Pode-se afirmar que no aspecto histórico, o topônimo Palmas foi dado à capital como homenagem à antiga comarca de São João da Palma - atual Paraná, na qual foi lançado um manifesto de independência da parte do norte de Goiás por Joaquim Teotônio Segurado. Além disso, foi uma denominação espontânea por corresponder à especificidade do local, tanto da Palma (Paraná), quanto Palmas

(capital), do homem impactado pelo meio ambiente circundante, ou seja, como fator geográfico (flora), devido a grande quantidade e variedade de palmeiras presentes no local. O nome da capital Palmas foi aprovado pela Assembleia Legislativa por meio da lei nº 62, datado em 5 de julho de 1989.

#### 4.2.TOPÔNIMO JOAQUIM TEOTÔNIO SEGURADO

##### Ficha Lexicográfico-toponímica da Avenida Joaquim Teotônio Segurado

<b>Município:</b> Palmas	<b>Lugar:</b> Avenida
<b>Localização:</b> Bairro Plano Diretor Expansão Sul	
<b>Estrutura Morfológica:</b> Elemento específico composto (subst. próprio – nome de pessoa,+ subst. próprio – sobrenome, + subst. próprio – sobrenome + sufixo <i>ado</i> ).	
<b>Etimologia:</b> Joaquim provém do Hebraico, surgiu do <i>Jehoiachim</i> , significa "Jeová estabeleceu" ou "Deus estabeleceu". Teotônio, de origem grega, deriva de <i>Theo</i> que surge a partir de <i>théos</i> , cujo sentido literal é "deus"; + <i>tonio</i> , que do latim <i>Antonius</i> , originado do grego <i>Antónios</i> . Por fim, Segurado, provindo de <i>seguro</i> do latim " <i>securus</i> " + <i>ado</i> , que é um sufixo nominal, de origem latina, que se forma a partir da ação. (Disponível em < <a href="https://www.dicionariodenomespropios.com.br">https://www.dicionariodenomespropios.com.br</a> , acesso em 26 fev. 2018).	
<b>Motivação toponímica:</b> Contribuição para emancipação do Estado do Tocantins.	
<b>Taxionomia:</b> Antropotopônimo – nomes próprios, individuais.	

O topônimo *Joaquim Teotônio Segurado* refere-se à avenida localizada na cidade de Palmas, no Plano Diretor Sul, considerado um Antrotopônimo de categoria taxonômica de natureza antropocultural. Este faz alusão ao nome de pessoa empregado a lugar. O nome Joaquim, quanto a sua etimologia, é de origem hebraica e significa "Jeová/Deus estabeleceu", já Teotônio é oriundo da soma de *Theo* + *tonio* – Antônio e quer dizer Deus, ambos são de origem grega. Em relação a Segurado, este provém do latim *securus* mais sufixo *ado*.

Compreende-se que a motivação toponímica deu-se devido à história de luta de Segurado e, principalmente, por suas contribuições para a emancipação do estado do Tocantins, quanto à divisão da Comarca do Norte e a Comarca do Sul.

A nomeação da Avenida Joaquim Teotônio Segurado ratificou-se mediante a Comenda (condecoração expedida à personagem político, artístico, entre outros, que se destacam em suas funções) Teotônio Segurado, criada pelo Tribunal de Justiça do estado do Tocantins. A Comenda foi entregue a sua tataraneta, Débora Segurado, em 21 de outubro de 2004, por Siqueira Campos; e em 22 de outubro de

2004 foi anexada pelo tribunal de Justiça do Tocantins, no hall de entrada, a tela de Segurado.

#### 4.3 TOPÔNIMO JUSCELINO KUBITSCHKEK

Ficha Lexicográfico-toponímica da Avenida Juscelino Kubitschek

<b>Município:</b> Palmas	<b>Lugar:</b> Avenida
<b>Localização:</b> 104 Norte, Plano Diretor Norte, Palmas – TO	
<b>Estrutura Morfológica:</b> Elemento específico composto (subst. próprio – nome de pessoa,+ subst. próprio – sobrenome).	
<b>Etimologia:</b> A origem do nome Juscelino provém do germânico <i>Gauzilin, Gozilin</i> , que quer dizer “de origem goda”. Deriva do elemento <i>Gaut</i> que se refere à tribo germânica. (Disponível em < <a href="https://www.dicionariodenomesproprios.com.br">https://www.dicionariodenomesproprios.com.br</a> , acesso em 26 fev. 2018).	
<b>Motivação toponímica:</b> Uma forma de reconhecimento do povo brasileiro ao fundador de e transformador do eixo do desenvolvimento nacional.	
<b>Taxionomia:</b> Antropotopônimo – nomes próprios, individuais.	

O topônimo *Juscelino Kubitschek* é formado por elemento específico composto e insere-se na taxionomia Antropotopônimo de natureza antropocultural, a qual se refere à nomes próprios. Ao verificar a etimologia da Juscelino, notou-se que se deriva do elemento *Gaut* e é de origem germânica, significando “de origem goda”. O referido topônimo nomeia uma avenida localizada no Plano Diretor Norte, da capital Palmas.

Pode-se afirmar então que a nomeação da Avenida Juscelino Kubitschek deu-se por meio do projeto de Lei nº. 08 de 7 de abril de 2009, pelo poder Executivo, para apenas oficializar o nome da avenida, uma vez que o nome já vinha sendo utilizado informalmente pelos habitantes do local. O ato foi motivado como forma de reconhecimento do povo brasileiro ao homem que fundou Brasília e transformou o eixo do desenvolvimento nacional.

Conforme os resultados apresentados nas subseções anteriores mostrou-se a distribuição dos topônimos em categorias de natureza Física e Antropocultural. No que se refere à Palmas, se categoriza como um fitotopônimo (Natureza Física), cuja motivação está ligada aos vegetais, neste caso, às palmeiras encontradas no local que a cidade foi criada e ainda como um corotopônimo (Antropocultural), pois se refere à cidade de Paranã. Considera-se que ao classificar um topônimo nas duas categorias, quando este pode ser considerado desse modo, faz-se uma análise mais

abrangente sobre ele, podendo assim analisá-lo em seus diversos aspectos e individualidades, tornando o estudo mais preciso.

Em relação aos outros dois topônimos, Joaquim Teotônio Segurado e Juscelino Kubitschek, classificam-se na categoria de natureza Antropocultural, uma vez que se relacionam ao antropotopônimo, que é nome de pessoa dado ao lugar, nesse caso, às figuras políticas.

Entretanto, sabe-se que ter o nome transformado em topônimo, como foi o caso de Segurado e Kubitschek, só é possível, àqueles que possuem o poder de mando, pessoas que contribuíram de alguma forma com desenvolvimento socioeconômico do local, personalidades artísticas, entre outro. A nomeação dos topônimos citados aqui é justificada pela dominação política, pois são estas pessoas que têm o poder de dar nome às coisas e de mudá-los.

Dessa forma, é imprescindível destacar ainda que, de acordo com a lei de Nº 6.454, de 24 de outubro de 1977, decretou-se a proibição, em todo território nacional, atribuir nome de pessoa viva a qualquer pertencente à União ou às pessoas jurídicas da administração indireta. O que se percebeu, ao realizar este estudo foi o descumprimento da lei no estado do Tocantins, podendo ser citada a Ponte Fernando Henrique Cardoso, construída entre 1998 e 2002, localizada na rodovia TO-080 e fazendo ligação entre a cidade de Palmas ao distrito de Luzimangues. Antes citada como Ponte da Amizade e da Integração, no ato da sua inauguração, dada pelo próprio Fernando Henrique Cardoso, ao final do seu mandato como presidente da República, passou a carregar seu nome como forma de homenagem de Siqueira Campos, governador do estado na época, pelos seus programas sociais. Siqueira nomeou ainda os bairros Aurenys, em homenagem a sua ex-esposa, que atualmente ainda encontra-se viva.

Portanto, as motivações que estão por trás das escolhas dos nomes analisados neste trabalho, são reverberações das ideologias políticas, da história sociocultural e da relação do povo com a natureza.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivou-se neste trabalho o levantamento e a análise de topônimos que dão nome a cidade de Palmas e as suas duas principais avenidas, com base em livros e documentos que tratavam desde a criação do Tocantins à vida de personagens políticos, acreditando que estes nomes denotam aspectos fundamentais da cultura e da vida do homem que habitaram o ambiente estudado.

O referencial teórico, exposto no capítulo I, foi pertinente ao trabalho, cujos dados estabelecidos pelos autores lá citados auxiliaram na compreensão e na introdução do universo da linguística, bem como com a inserção e contextualização das referências sócio-históricas e socioculturais.

Em relação ao método de investigação linguística, que objetiva o estudo do desenvolvimento da língua, para Dias (2016), se constrói de reminiscências remotas, que por muitas vezes já foram esquecidos. Os instrumentos Onomásticos – Toponímia e Antroponímia - foram singulares para os estudos linguísticos, especialmente por serem referentes à cultura e história local, como proposto no estudo, pois, dessa forma, compreendem-se os processos de evolução da língua.

Ao direcionar os estudos no resgate da identidade linguística e sociocultural, o topônimo pode ser visualizado como um reflexo da realidade social, bem como um instrumento viabilizador de forma de relação entre indivíduos e mundo quanto construtores do seu meio.

Os objetivos deste estudo foram alcançados, pois, com eles, notou-se as motivações implícitas nos topônimos. Com os dados coletados percebeu-se que os valores ideológicos, acima citados durante a análise, unem-se ao linguístico conforme a formação dos topônimos analisados. Desta forma, entende-se então que topônimos palmenses refletem a história da sociedade e criam um repositório linguístico-cultural, possibilitando um acervo lexical que se amplia e se perpetua entre as gerações.

Dessa forma, cabe aqui a afirmação de que “o nome de lugar exerce o papel de uma verdadeira crônica” Dick (1992, p. 22), pois o homem usa a nomeação como registros históricos há quase três séculos. Mediante isso, os topônimos palmenses refletem a história da sociedade e criam um repositório linguístico-cultural, possibilitando um acervo lexical que se amplia e se perpetua entre as gerações.

Por fim, espera-se que esta pesquisa venha a somar aos demais trabalhos acadêmicos do ramo, que os resultados obtidos possam contribuir com os estudos da língua portuguesa e, principalmente, que seja útil para a sociedade palmense como ferramenta de valorização da sua identidade, sociedade e cultura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, M. A. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: **Anais do II Simpósio Latino-Americano de Terminologia. I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica**. Brasília, 1990. p. 152-158.

BIDERMAN, M. T. C. **A face quantitativa de linguagem**: um dicionário de frequências do Português. Afla (UNESP), v. 42, 1998

CARVALHINHOS, P. de J. **Hierotoponímia Portuguesa. De Leite de Vasconcelos às atuais teorias onomásticas. Estudo de Caso**: as Nossas Senhoras. 2005, 375 p. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/ USP, 2005.

CHIARADIA, C. **Dicionário de Palavras Brasileiras de Origem Indígena**. 1 Ed. São Paulo: Limiar, 2008.

DIAS. Um olhar histórico-etimológico acerca do topônimo Caturai. In: **Anais do SILEL**. 3. 2013. Uberlândia (EDUFU).

\_\_\_\_\_, A. L. C. **Toponímia dos primeiros municípios Tocantinenses**. Universidade Federal de Goiás, 2016. 207 f. Tese (Doutorado) Universidade Federal de Goiás – Faculdade de Letras – Programa de pós-graduação em Letras e Linguística, 2016.

DICK, M. V. de P. do A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

\_\_\_\_\_. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.

\_\_\_\_\_. **Os nomes como marcadores ideológicos**. In: Acta Semiótica et Linguística – SBPL (Sociedade Brasileira de Professores de Linguística). São Paulo: Plêiade, 1998. v. 7.

\_\_\_\_\_. Atlas toponímico do Brasil: teoria e prática II. In: **Trama**. v. 3 n. 5, 2007, p.141-155.

FIORIN, J. L. Teoria dos signos. FIORIN, José Luiz. (org.). **Introdução à Lingüística. I. Objetos teóricos**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUIRAUD, P. **A semântica**. 3.ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 1980

ISQUERDO, A. N. **O fato linguístico como recorte da realidade sociocultural**. 1996. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 1996.

\_\_\_\_\_. (1997) A toponímia como signo de representação de uma realidade. In: **Fronteira – Revista de Historia**. Campo Grande – MS: Editora UFMS, 1997, P. 27-46.

JUNIOR, A. G. **Linguística/Antroponímia**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/linguistica/antroponimia/>> Acesso em: 28 de julho de 2017.

MARTINS, M. S. C. **Entre palavras e coisas**. São Paulo: UNESP, 2002.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade** - Petrópolis: Vozes, 1995.

NASCIMENTO, J. B. do. **Tocantins: história e geografia**. 6. ed. [S.l.: s.n.], 2009

OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, Aparecida Negri. **As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998.

PLATÃO. **Diálogos**. Teeteto Crátilo. 3. ed. Belém: UFPA, 2001

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 22 ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

SIGNIFICADOS, **Significado de Ontologia**. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/ontologia/>> Acesso em: 14 de janeiro de 2018

SILVA, O. B. da. **A Nova História do Tocantins**. Goiânia: Kelps, 2008.

ZAMARIANO, M. Reflexão sobre a questão do nome próprio na toponímia. In: **Caderno de Letras da UFF – Dossiê: America Central e Caribe: múltiplos olhares**. Nº 45, p. 531 – 371, 2012.